RESUMO EXPANDIDO
Anais do Congresso Interdisciplinar Internacional – CONIÚNICA
08 a 11 de setembro. Híbrido, Ipatinga – MG
doi.org/10.53426/con.v5i0.004

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E RESILIÊNCIA CLIMÁTICA NA GUINÉ-BISSAU: LITERACIA CLIMÁTICA, AGROECOLOGIA E PROTEÇÃO DE ECOSSISTEMAS

ENVIRONMENTAL EDUCATION AND CLIMATE RESILIENCE IN GUINEA-BISSAU: CLIMATE LITERACY, AGROECOLOGY AND ECOSYSTEM PROTECTION

EDUCACIÓN AMBIENTAL Y RESILIENCIA CLIMÁTICA EN GUINEA-BISÁU: ALFABETIZACIÓN CLIMÁTICA, AGROECOLOGÍA Y PROTECCIÓN DE ECOSISTEMAS

doi.org/10.53426/con.v5i0.004

Seco Amadú Tijane Sal
[1] Rede Luso GB, Bissau, Guiné-Bissau. E-mail: amadutidjane@gmail.com
Grupo de Trabalho: GT 4 – Meio Ambiente, Sustentabilidade e Mudanças Climáticas

RESUMO

Este estudo analisa a Educação Ambiental como estratégia de fortalecimento da resiliência climática na Guiné-Bissau e, de forma ampliada, no contexto africano. A pesquisa adotou abordagem qualitativa e caráter teórico-reflexivo, articulando experiência prática do autor, observação participante e consulta a documentos e referências sobre clima e Educação Ambiental. A análise foi organizada em três eixos: literacia climática, agroecologia e proteção de ecossistemas vitais. Os resultados indicam que a tradução do conhecimento climático para linguagens acessíveis e próximas das comunidades pode ampliar a compreensão dos riscos e a participação social; que a agroecologia oferece uma interface entre produção de alimentos, manejo do solo e adaptação à variabilidade climática; e que a proteção de mangais, florestas, bacias hidrográficas e zonas húmidas constitui uma base territorial relevante para reduzir vulnerabilidades. A reflexão também evidencia o papel da comunicação comunitária, dos saberes tradicionais e de recursos pedagógicos culturalmente próximos na aproximação entre ciência, cotidiano e ação coletiva. Conclui-se que a Educação Ambiental pode integrar informação, participação e cuidado territorial, embora a efetividade das estratégias discutidas não tenha sido mensurada neste estudo.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Resiliência climática; Guiné-Bissau; Agroecologia; Literacia climática.

INTRODUÇÃO

A crise climática produz efeitos desiguais entre regiões e grupos sociais. No continente africano, secas prolongadas, alterações na disponibilidade de água, cheias, erosão costeira e riscos à segurança alimentar ampliam vulnerabilidades já associadas a limitações de infraestrutura e capacidade de resposta. O IPCC (2023) destaca que os impactos climáticos dependem não apenas da exposição aos eventos, mas também das condições sociais, econômicas e ambientais que determinam a capacidade de adaptação. Essa leitura é particularmente relevante para países da África Ocidental, entre eles a Guiné-Bissau, onde comunidades dependem diretamente dos recursos naturais e das condições climáticas para atividades produtivas e para a reprodução da vida cotidiana.

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

A Educação Ambiental pode contribuir para esse debate ao aproximar conhecimento científico, realidade territorial e participação social. Em uma perspectiva crítica, ela não se restringe à transmissão de informações sobre o ambiente, mas envolve leitura dos problemas, formação para a participação e construção coletiva de respostas (LOUREIRO, 2007). Tamaio (2002) também relaciona a Educação Ambiental à capacidade de interpretar problemas concretos e construir práticas educativas vinculadas ao contexto social. No campo climático, essa abordagem exige traduzir conceitos técnicos, reconhecer saberes locais e relacionar riscos globais a experiências percebidas no território.

A reflexão desenvolvida neste trabalho também dialoga com a experiência do autor em iniciativas de comunicação e formação comunitária na Guiné-Bissau, incluindo a proposta “Linha do Passe para o Futuro”. A aproximação com o futebol e com a mídia comunitária é utilizada como recurso pedagógico para tornar temas complexos mais acessíveis. A metáfora da “FIFA do Planeta”, presente na formulação inicial do trabalho, não é empregada como categoria científica, mas como linguagem didática para discutir regras de convivência, responsabilidade coletiva, ética e cuidado com os sistemas naturais dos quais a sociedade depende.

Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi analisar como a Educação Ambiental pode contribuir para a resiliência climática em comunidades da Guiné-Bissau, considerando três frentes complementares: a construção da literacia climática, a promoção de práticas agroecológicas e a proteção de ecossistemas relevantes para a redução de riscos e para a manutenção dos modos de vida locais.

METODOLOGIA

O trabalho caracteriza-se como um ensaio teórico-reflexivo, de abordagem qualitativa, construído a partir da experiência prática do autor no contexto da Guiné-Bissau, de observações realizadas em atividades comunitárias e do diálogo com referências e documentos relacionados às alterações climáticas e à Educação Ambiental. Não foram aplicados questionários, entrevistas estruturadas ou instrumentos quantitativos, e o estudo não se configura como revisão sistemática da literatura.

A análise foi desenvolvida em três etapas. Inicialmente, foram sistematizadas situações recorrentes observadas e discutidas no contexto de atuação do autor, relacionadas a secas, cheias, erosão, insegurança alimentar, comunicação e relação das comunidades com os ecossistemas. Em seguida, essas questões foram confrontadas com documentos e referenciais, entre eles o relatório de síntese do IPCC (2023), os princípios da Carta da Terra, os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e trabalhos de Educação Ambiental (LOUREIRO, 2007; TAMAIO, 2002). Por fim, os argumentos foram organizados em três eixos analíticos: literacia climática, agroecologia e proteção de ecossistemas. A metáfora da “FIFA do Planeta” foi mantida exclusivamente como recurso de comunicação, sem função de comprovação empírica.

Por seu caráter reflexivo e situado, os resultados representam uma síntese interpretativa produzida a partir das experiências e referências mobilizadas. Portanto, não permitem estimar a magnitude dos impactos climáticos, mensurar a efetividade das práticas citadas ou generalizar as conclusões para todas as comunidades africanas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise identificou três frentes que se complementam na relação entre Educação Ambiental e resiliência climática. A primeira refere-se à compreensão dos riscos e à capacidade de transformar

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

informação em ação; a segunda, à relação entre produção de alimentos, manejo do solo e adaptação; e a terceira, à proteção dos ecossistemas que sustentam serviços ambientais e reduzem a exposição a determinados impactos. O Quadro 1 sintetiza essas relações sem atribuir causalidade ou efetividade mensurada às estratégias.

Quadro 1 – Síntese dos eixos analisados

Eixo	Problema associado	Função da Educação Ambiental	Contribuição potencial à resiliência
Literacia climática	Distância entre linguagem técnica, percepção local dos riscos e capacidade de resposta.	Traduzir conceitos, trabalhar línguas e exemplos locais, ampliar comunicação e participação.	Maior compreensão de riscos, prevenção e envolvimento comunitário.
Agroecologia	Insegurança alimentar, variabilidade das chuvas e degradação do solo.	Relacionar produção, solo, água, diversidade de cultivos e conhecimentos locais.	Diversificação de práticas e fortalecimento da capacidade adaptativa das famílias.
Proteção de ecossistemas	Erosão, cheias, perda de habitats e degradação de mangais, florestas e zonas húmidas.	Associar conservação dos ecossistemas aos benefícios percebidos e ao cuidado territorial.	Manutenção de funções ecológicas e redução de vulnerabilidades territoriais.

Fonte: elaborado pelo autor a partir da síntese analítica do estudo.

No eixo da literacia climática, a principal questão identificada foi a distância entre a linguagem especializada sobre clima e as formas pelas quais os riscos são percebidos no cotidiano. Termos técnicos, cenários globais e indicadores podem ter pouco efeito educativo quando não são relacionados às experiências locais. A Educação Ambiental crítica pressupõe exatamente essa mediação: compreender o problema a partir do território, reconhecer diferentes formas de conhecimento e criar condições para participação informada (LOUREIRO, 2007). Na Guiné-Bissau, o uso de línguas locais, rádio comunitária, exemplos do cotidiano e espaços coletivos de aprendizagem aparece, na experiência analisada, como caminho para reduzir essa distância. O resultado não demonstra mudança mensurável de comportamento, mas indica que a comunicação precisa ser territorializada para que informação climática se converta em compreensão social.

O segundo eixo relaciona Educação Ambiental, agroecologia e segurança alimentar. A experiência descrita no trabalho associa a variabilidade climática a dificuldades de produção, disponibilidade de água e conservação do solo. Nesse quadro, a agroecologia é compreendida como uma possibilidade de articular diversidade produtiva, manejo do solo, conhecimento local e menor dependência de soluções externas. O IPCC (2023) reconhece que respostas de adaptação no setor alimentar e no uso da terra precisam considerar condições locais e combinações de medidas. A análise aqui realizada não avaliou produtividade, renda ou redução de perdas, mas mostrou que práticas agrícolas só podem ser discutidas como estratégia climática quando relacionadas às condições ecológicas e sociais que sustentam sua continuidade.

O terceiro eixo envolve a proteção de ecossistemas vitais. Mangais, florestas, bacias hidrográficas e zonas húmidas aparecem no material analisado como elementos diretamente relacionados à proteção do território, à disponibilidade de recursos e à redução de determinados riscos. A conservação desses ambientes pode integrar respostas baseadas em ecossistemas, mas sua efetividade depende de localização, estado de conservação, escala e pressões existentes. Assim, a Educação Ambiental pode contribuir ao tornar mais visíveis as relações entre conservação e benefícios cotidianos, evitando tratar os ecossistemas apenas como áreas abstratas de proteção. Essa

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

perspectiva dialoga com a Carta da Terra ao associar responsabilidade ecológica, justiça e cuidado com as condições que sustentam a vida.

Além dos três eixos, a análise mostrou uma dimensão transversal: a necessidade de articular comunicação, participação e saberes tradicionais. A iniciativa “Linha do Passe para o Futuro” e a metáfora da “FIFA do Planeta” ilustram uma tentativa de aproximar o debate climático de repertórios reconhecíveis pela população. Cientificamente, o valor dessa estratégia está menos na metáfora em si e mais na possibilidade de traduzir conteúdos, promover diálogo e estimular participação. A literatura de Educação Ambiental reforça que a aprendizagem ganha sentido quando parte de problemas concretos e de experiências sociais dos participantes (TAMAIO, 2002; LOUREIRO, 2007).

Os resultados indicam, portanto, que os três pilares não funcionam de forma isolada. A literacia climática pode ampliar a compreensão dos riscos, mas depende de oportunidades concretas de ação; a agroecologia pode fortalecer respostas produtivas, mas requer condições técnicas e ambientais; e a proteção dos ecossistemas precisa ser acompanhada de participação e reconhecimento dos benefícios locais. A principal contribuição da análise é mostrar que a Educação Ambiental pode funcionar como elemento integrador entre essas dimensões, desde que seja territorializada, participativa e conectada às condições reais das comunidades. Essa conclusão deve ser interpretada como proposição analítica derivada do ensaio, e não como comprovação de impacto de um programa específico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que a Educação Ambiental pode ocupar uma posição estratégica na discussão da resiliência climática na Guiné-Bissau quando articula conhecimento climático, práticas produtivas e proteção dos ecossistemas. Os três eixos analisados – literacia climática, agroecologia e proteção de ecossistemas – respondem a dimensões distintas do problema, mas convergem na necessidade de aproximar informação, participação e ação territorial.

A análise também reforça que respostas climáticas não podem ser transferidas de forma automática entre territórios. A utilização de línguas locais, a valorização dos saberes tradicionais e o uso de meios de comunicação próximos das comunidades podem favorecer a apropriação do debate climático. A metáfora da “FIFA do Planeta” pode ser mantida como recurso pedagógico de comunicação, desde que não substitua a fundamentação científica nem simplifique os conflitos sociais, econômicos e ambientais envolvidos.

Como o trabalho não mensurou resultados de aprendizagem, mudanças de comportamento ou efeitos biofísicos das práticas discutidas, estudos futuros podem avaliar empiricamente essas dimensões por meio de atividades educativas acompanhadas, entrevistas, indicadores de participação e monitoramento territorial. Ainda assim, a reflexão indica que fortalecer a capacidade de compreender os riscos e participar das decisões constitui uma frente relevante para conectar Educação Ambiental e ação climática em contextos locais.

REFERÊNCIAS

CARTA DA TERRA. Carta da Terra. Disponível em: https://cartadaterra.org.

IPCC – INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. Climate Change 2023: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva: IPCC, 2023.

ISSN: 2965-0399 REVISTA CONEXÕES
V. 1, 2026
Revista dos cursos de Graduação e Pós-graduação da Faculdade Única de Ipatinga na modalidade EaD

LOUREIRO, C. F. B. Educação Ambiental Crítica: contribuições e desafios. In: MELLO, S. S.; TRAJBER, R. (org.). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em Educação Ambiental na escola. Brasília: MEC/UNESCO, 2007. p. 65-72.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: ODS 13 – Ação Contra a Mudança Global do Clima. Nova Iorque: Nações Unidas, 2015.

RAFAEL, Clélio Rodrigo Paiva et al. Qualidade físico-química entre sistema de tratamento de água e áreas de vulnerabilidade. Caderno Pedagógico, v. 21, n. 4, e3747, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n4-085.

RAFAEL, Clélio Rodrigo Paiva; FONSECA, Ronald Assis; LOUBACK, Geisa Corrêa; SIQUEIRA, Moisés Luiz Gomes; CAMARGO, Isabela Fernanda Leite Gomes; CICARINI, Sthéfany Rhodes; TEIXEIRA, Débora Rith Costa; TEIXEIRA, Danubia da Costa. SbN em perspectiva: por que precisamos de um conceito padronizado. ARACÊ, v. 7, n. 9, e8553, 2025. DOI: 10.56238/arev7n9-297. Disponível em: https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/8553. Acesso em: 1 out. 2026.

RAFAEL, Clélio Rodrigo Paiva; GARCIA, Joan; SUBTIL, Eduardo Lucas. Reliability-Based Evaluation of the Robustness of Constructed Wetlands for Sustainable Sanitation: Implications for Design and Operation. Water environment research: a research publication of the Water Environment Federation, v. 98, n. 9, p. e70572, 2026. DOI: https://doi.org/10.1002/wer.70572

REDE LUSÓFONA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL. Declaração e princípios. Disponível em: https://www.rlea.org.

SOUSA, Davi Sousa de; LIMA, Lieide Vidal de; FONSECA, Ronald Assis; RAFAEL, Clélio Rodrigo Paiva; REX, Franciel. Educação ambiental na aldeia indígena Ka'apor (Zé Gurupi): sensibilização e práticas sustentáveis. JANUS.NET, e-journal of International Relations, v. 17, n. 1, dossiê temático 2, 2026. DOI: 10.26619/1647-7251.DT0526.9.

TAMAIO, I. O professor na construção do Programa de Educação Ambiental da Escola. Brasília: MEC, Coordenação Geral de Educação Ambiental, 2002.